

"O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DA CRIAÇÃO LITERÁRIA EM AGOSTINHO NETO: MEMÓRIA DOS ANOS CINQUENTA"¹

Fernando Augusto Albuquerque Mourão*

RESUMO: O autor trata principalmente dos primeiros anos da passagem de Agostinho Neto em Portugal, na qualidade de estudante em Coimbra e posteriormente em Lisboa. Suas atividades culturais e, de certo modo sua atuação política, é posta em destaque, com ênfase no seu universo mental, com origens várias.

UNITERMOS: Angola – Sociologia da Literatura

Recordar Neto é voltar à juventude coimbrã em torno de uma plêiade de amigos hoje espalhados por vários continentes, ou que já nos abandonaram. Relembrar Neto é reviver a velha academia. Trazer à memória Neto constitui-se numa reflexão do papel desempenhado pela então Casa dos Estudantes do Império (C.E.I.), em volta da qual gravitavam a maioria dos estudantes africanos que, nessa época, estudavam em Coimbra. Analisar os textos e a atividade cultural de Agostinho Neto em sua juventude resulta numa melhor compreensão dos discursos do político relativos a temas culturais².

Ao invés de recorrermos aos textos conhecidos de Agostinho Neto e que têm sido objeto de numerosos e interessantes estudos e principalmente tendo em vista o leque temático do encontro³, optamos por um depoimento/memória de uma faceta da sua obra que, de certo modo, começa a ser estudada de forma mais sistemática. A participação de Agostinho Neto, quer como palestrante, quer como debatedor em inúmeros encontros temáticos que tiveram lugar na cidade de Coimbra e na de Lisboa, durante o período em que viveu em Portugal na

* Centro de Estudos Africanos/USP

(1) Texto apresentado no 1º Simpósio Internacional sobre Cultura Angolana, Porto, maio de 1989.

(2) AGOSTINHO NETO. ... *Ainda o meu sonho* (Discursos sobre a Cultura Nacional). Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1980, 77p.

(3) 1º Simpósio Internacional sobre Cultura Angolana, Porto, maio de 1989.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

qualidade de estudante, foi importante, mas é ainda hoje pouco conhecida, ou porque os rascunhos em cima dos quais desenvolvia as suas explanações em boa parte não devem ter sido recuperados, ou porque, simplesmente, em boa parte dos casos, discorria sobre os mais variados temas sem recorrer a nenhum texto, revelando já uma excelente memória a que se aliava um memorável quadro didático que, anos mais tarde, se constituiu numa das leituras de seus discursos políticos.

Embora este depoimento não pretenda ser sistemático e cobrir um período da vida do escritor, apresenta-se preferencialmente como uma amostragem dessa faceta de sua obra.

A imagem que nos ficou no tempo relativa ao período universitário é a de um homem multifacetado nas suas origens e portador de uma grande coerência nas suas análises. A herança das várias vivências do então jovem estudante de medicina surgiam num tempo e espaço próprios como elementos de uma leitura articulada a um tempo real e a um 'tempo novo', dotado de uma certa dose de utopia, mas não de irrealismo, que irrompia das entranhas da terra africana.

Colocar Agostinho Neto no tempo e no espaço leva-nos a aproximar sua atividade cultural de vários universos na perspectiva dos meios em que viveu: o universo protestante, o universo racial, o universo colonial, o universo popular, o universo da pequena-burguesia tradicional, o universo português, no seu desdobramento coimbrão⁴ e lisboeta, a par de uma visão sempre presente, a universalidade que permeou o eu africano, o eu euroafricano.

Muito jovem, na década dos anos quarenta⁵, Agostinho Neto, filho de um pastor protestante, o pastor Agostinho Pedro Neto, aliás um educador por excelência, já fazia reflexões em torno das contradições do universo colonial. Os africanos, tratados de 'nativos', são objeto de um pequeno ensaio⁶, onde coloca em evidência a relação colonizador/colonizado, em matéria de instrução numa ocasião "em que o mundo se está preparando para a nova era". Nos textos da segunda metade da década dos anos quarenta⁷, Agostinho Neto reflete, para além das preocupações relativas à ordem do universo paterno – o papel da instrução no

(4) CAMPOS, Fernando da Costa. *O ambiente coimbrão e a presença da produção literária entre os estudantes ultramarinos*, 1º Simpósio Internacional sobre Cultura Angolana, Porto, maio de 1989.

(5) Nasce em 17 de setembro de 1922, na povoação de Kaxicane, região de Icolo e Bengo.

(6) "Instrução ao nativo", Luanda, O ESTANDARTE, 1945.

(7) KANDJIMBO, Luis. *Apuros de Vigília*. Luanda, União dos Escritores Angolanos, s.d. No capítulo 4 do Livro 1, "A dimensão actual e histórico-literária de Agostinho Neto", o autor procede a uma análise dos textos de Agostinho Neto entre 1945 e 1946.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

universo protestante – suas preocupações de natureza social perspectivadas por um contexto racial e colonial. O homem africano surge como a "classe nativa" num quadro em que era uma maioria do ponto de vista sociológico, quanto era de fato uma maioria demográfica. Nestes textos fica claro que o africano entra nas múltiplas interações como um ator de um processo pontilhado por um suceder de ações de natureza transétnica e transcultural. Neto exprime a consciência coletiva de um povo agrilhado por um sistema exógeno, em que a instrução ou educação representava um instrumento de mudança possível face às fissuras que o sistema apresentava. Da leitura desses textos emerge a noção de que para o autor, a instrução tinha um duplo objetivo: a instrumentalização da consciência e o acesso a melhores condições de vida. Para Neto, desde cedo, os eixos do sistema social e do sistema cultural surgem de forma imbricada no contexto de vários espaços: um espaço europeu, um espaço africano – os vários espaços africanos – na perspectiva de um processo, quer de natureza transcultural, quer de natureza transétnica. A possibilidade de ação, decorrente de um tempo preciso, fica já clara nestes textos de estréia. Para Agostinho Neto tornava-se imperioso alterar o mundo angolano, libertar o homem, conquistar a dignidade no plano do mundo material e no plano do mundo espiritual. É a consciência de que a ação política é a mola do processo de libertação que leva Agostinho Neto, o jovem ensaísta, o poeta, à sua prática.

AGOSTINHO NETO TAL COMO O CONHECI

Já em Portugal, como estudante de Medicina, Agostinho Neto continua a preocupar-se com o plano material e com o plano espiritual do homem. Sua vivência enquanto estudante segue um processo hoje mais ou menos conhecido: a preocupação com os problemas de identidade, que são um dos traços de seus primeiros escritos da fase de Luanda, que, em Lisboa, desenvolve em torno de um grupo centrado em torno de uma família santomense, a família Espírito Santo, cuja residência, à rua Actor Vale, passa a ser o local de reunião de todo um grupo, entre os quais Mário de Andrade, Francisco José Tenreiro, Amílcar Cabral, entre os quais se tornaram mais conhecidos, e que vieram a fundar o Centro de Estudos Africanos onde, inicialmente, as discussões relativas aos problemas de identidade eram predominantes.

Venho a conhecer Agostinho Neto na década dos anos cinquenta, já estudando em Lisboa, quando das suas repetidas visitas a Coimbra, onde esteve matriculado no curso de Medicina, através do Fernando da Costa Campos. Neto várias vezes se instalou num pequeno quarto localizado no último andar na sede da Casa dos Estudantes do Império, a CEI, o qual, durante um bom período foi utilizado por Lima de Azevedo. Nas suas andanças por Coimbra, Costa Campos

acompanhava-o. Nessa época, cabia-nos a responsabilidade de organizar e manter a Biblioteca da CEI. Nessa ocasião Agostinho Neto, já quase que inteiramente dedicado aos assuntos pertinentes à organização política dos jovens, encontrava tempo para discutir longamente sobre problemas centrais e periféricos relativos à identidade africana, especialmente sobre sua vivência angolana. Neto interessou-se desde logo pelo nosso projeto de, a par de aumentar o acervo de livros de literatura, onde Jorge Amado e os escritores do ciclo do Nordeste, entre eles, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e tantos outros, eram disputados pelos jovens leitores, de se dar um melhor aproveitamento às obras relativas à história e à etnografia africana. Embora inicialmente o acervo, neste campo, fosse limitado às edições oficiais, procurávamos extrair as passagens mais informativas sobre a maneira de viver dos povos africanos. A Antropologia Colonial, a mais antiga, oferecia relatos mais fiéis, enquanto os livros mais recentes padeciam cada vez mais de uma visão ufanista relativa às excelências do que se dizia ser a missão colonial, principalmente no seu eixo, dito civilizador. Neto conseguia tempo para fazer leituras especializadas e incentivava-nos a divulgar certos trechos junto aos jovens colegas que buscavam elementos pertinentes a uma identidade. Faltavam-nos textos que nos permitissem estudar os fenômenos da resistência cultural, anunciado, entre outros, pelos poetas, pelos jovens contistas. Era um tempo de busca, de esclarecimento. A metodologia tinha dupla entrada: os textos dos sociólogos brasileiros, tais como Guerreiro Ramos e até certo ponto Gilberto Freyre, que logo nos decepcionava com os seus escritos tardios resultados de uma apressada viagem ao continente africano, e, paralelamente, a literatura política; como identificar a cultura africana, quais as suas clivagens diferenciais? A literatura que dispunhamos não dava respostas satisfatórias. A poesia e o conto, sim, mas os textos etnográficos eram para nós, naquela época, insuficientes, ou porque o eram mesmo ou porque nos faltava treino nessas áreas das Ciências Humanas, que a Universidade não estudava. Recordo uma tentativa utópica de conseguirmos as obras de Price-Mars, um dos precursores do movimento de negritude que, naquela época, chamava a nossa atenção. Conseguimos o endereço da editora, a Livraria La Caravelle, em Port au Prince. Neto, a par de nossas buscas, tinha o cuidado, de como mais velho, não nos desestimular. Claro está que nunca recebemos resposta dessa Livraria, mas Neto, de tempos em tempos, perguntava-nos pela tão esperada encomenda... Neto não só se apercebia da importância de dominar uma metodologia que permitisse um melhor esclarecimento sobre temas centrais para nós, à época, a identidade cultural, a identidade nacional, como incentivava essas buscas e nos livrava da crítica de colegas mais radicais para quem só aparentemente a literatura política contava.

Hoje tenho a sensação de que redescobrimos a roda. Acredito que, de certo modo, o mesmo se havia já passado, pelo menos em parte, em relação aos integrantes do Centro de Estudos Africanos, talvez com exceção dos donos da casa, a família Espírito Santo, que convivia por tradição familiar com o nativismo

e outras manifestações culturais do seu passado⁸. Após um período em que os ecos do panafricanismo e de outros movimentos antilheses, americanos e mesmo africanos, se faziam presentes, embora de forma muito tênue, após os anos trinta o distanciamento imperou e foi-se perdendo essa memória. Os remanescentes dos movimentos africanos que se desenvolveram em Lisboa viviam isolados. O corte das gerações foi trágico, quer para os mais velhos, quer para os mais novos. Quando de nossa transferência de Coimbra para Lisboa surgiu a oportunidade de frequentar a casa da viúva Assis, como era conhecida, a viúva de António de Assis Júnior, onde muito aprendemos acerca de um universo que nos atraía. Felizmente que essas surpresas continuam. Recentemente tivemos a oportunidade de encontrar em São Paulo, onde mora, o engenheiro Hermínio Paquete, membro de uma das famílias tradicionais de São Tomé e que participou de vários movimentos culturais e políticos nas primeiras décadas do século. A casa da família Espírito Santo, a que já nos referimos, permitiu, sem dúvida, uma aproximação de gerações e a transmissão de um caldo de cultura em vias de se perder. O surgimento do movimento Vamos Descobrir Angola, em Luanda, que congregou tantos jovens talentosos, entre os quais Viriato da Cruz, é um exemplo das várias manifestações que voltavam à tona, no campo de uma busca da identidade. Enquanto os jovens em Luanda viviam no seu próprio ambiente contando com a presença de intelectuais de várias gerações, enquanto em Lisboa se contava ainda com a presença de remanescentes de famílias tradicionais das então chamadas colônias, em Coimbra o isolamento era total. A maioria dos jovens recém chegados, com raras exceções, refletiam o quadro cultural que o sistema de ensino colonial permitia. Faltava algo entre as suas ainda curtas histórias de vida, o passado comum, e o mundo novo que se lhes abria. Os avanços no campo da consciência política ficavam como que prejudicados ante uma situação caracterizada por uma certa ambigüidade decorrente de uma área extremamente nublada em termos de identidade. A marca racial, a marca cultural, a marca social, eram uma realidade, mas apresentava-se de forma muito ambígua. A geração de Agostinho Neto havia de certo modo vencido em parte esta etapa, uns mais do que outros, consoante a sua maior ou menor experiência familiar e, ainda neste caso, em decorrência da história de vida de cada família e mesmo dos espaços de origem. A partir daí, para as gerações que se sucedem⁹, o universo

(8) Este assunto é tratado em vários escritos de Alfredo Margarido, entre os quais os reunidos em *Estudos sobre literaturas das Nações Africanas de língua portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

(9) Estamos utilizando a expressão *geração* em termos de geração estudantil, o que na época tinha a sua importância.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

africano é amplamente prejudicado face ao universo europeu. Havia, portanto, que redescobrir a roda, e foi o que de fato aconteceu. A partir de leituras várias, das histórias de vida, das várias práticas, aos poucos surgem as linhas mestras de uma reconstrução, já do domínio de uns, mas desconhecida de outros. Agostinho Neto, já na sua fase coimbrã, juntamente com Orlando de Albuquerque, entre outros então jovens estudantes, dedica-se à divulgação da literatura africana, iniciativa que na época teve muita importância. Os caminhos estavam abertos, mas para os mais jovens persistia o problema da identidade, da clarificação do processo em termos da relação entre a sua própria prática de vida, suas causas e as práticas do passado africano¹⁰. Agostinho Neto, que já se havia transferido de Coimbra para Lisboa e já engajado na luta política, tinha uma noção clara da importância do problema da redescoberta para os jovens de sua identidade. Nas suas passagens por Coimbra, ou nos encontros em Lisboa, quer

(10) Se o problema da identidade era central para os jovens estudantes africanos e, para o atingir, tornava-se necessário aprofundar o quadro dos estudos em torno do continente africano, quer no plano da redescoberta das culturas tradicionais, quer no plano das sociedades africanas modernas, entre estas algumas já independentes, como foi o caso de Ghana, para nós o continente africano que nos fora dado como um continente 'a civilizar', foi um desafio intelectual e humano. A tentativa de sentir a estética africana, quando visitamos e trabalhamos em numerosos museus em Lisboa, o da Sociedade de Geografia de Lisboa, por exemplo, em Paris o Museu do Homem, o Museu das Colônias Francesas, além de outros, inscrevia-se nesse desafio. A leitura de textos clássicos da literatura colonial, como os de Capelo e Ivêns, Henrique de Carvalho e tantos outros, a par da moderna literatura africana, quer no plano da literatura propriamente dita, a ficção, a poesia, quer os ensaios, as obras editadas pela *Présence Africaine*, em Paris – os primeiros ensaios desse amigo inesquecível, Cheik Anta Diop, com quem trocávamos idéias desde os idos de 1954 e mais tarde nosso colega no Comitê Internacional para a Redação de uma História de África, UNESCO, – em muito contribuíram para encontrar e para outros reencontrar a identidade africana. Esse encontro já anunciado pelos artistas e pela literatura, tardava no campo das Ciências Sociais, assim como o seu reconhecimento pelo chamado mundo culto. Essa busca foi o cerne das atividades culturais da Casa dos Estudantes do Império, quer das atividades da Secção de Estudos Ultramarinos de Coimbra, e, mais tarde em Lisboa, quer da Coleção Autores Ultramarinos, quer do "Meridiano", quer de "Mensagem" e de tantas outras iniciativas levadas a efeito na Casa dos Estudantes do Império e, em certas ocasiões, fora desse espaço, como as que foram desenvolvidas no Atheneu de Coimbra e em algumas associações estudantis de Lisboa e Coimbra. Essa atividade, em parte uma reedição das atividades do Centro de Estudos Africanos, foram desenvolvidas no âmbito da Casa dos Estudantes do Império, quer em outros meios, em que o enfoque da africanidade e no conhecimento social do homem, em termos universais, surgiam em conjunto. Angolanos, moçambicanos, são-tomenses, guineenses e caboverdianos, juntamente com alguns portugueses, indianos e brasileiros, participaram desse sonho: o reconhecimento da cultura africana, dos caminhos para uma autonomia literária e mesmo em casos, especiais, como o de Cabo Verde, uma literatura já autônoma, no dizer de Alfredo Margarido, a busca da africanidade, que registrou a contribuição de um Manecas Duarte, Leitão da Graça e do poeta Aguinaldo da Fonseca, entre tantos outros.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

na residência do então estudante de agronomia, Humberto Machado, quer no Clube Marítimo, não perdia a ocasião de se inteirar dos projetos e realizações da então Biblioteca da Casa dos Estudantes do Império e, mais tarde, da então Secção de Estudos Ultramarinos (designação corrente à época), setor que dirigimos quando de sua criação, até certo ponto, uma continuação do Centro de Estudos Africanos. Neto fazia referências à sua história de vida, ao universo no qual vivera e colocava em evidência as contradições que naturalmente afloravam no mundo dos jovens, cada vez mais presos a um sistema educacional dirigido. O núcleo coimbrão que contava com a colaboração de Fernando da Costa Campos, João Vieira Lopes, angolanos, Manuel de Jesus Monteiro Duarte, caboverdiano, ou simplesmente o Manuel Duarte, o saudoso Manecas, entre tantos outros, dividia-se nas múltiplas atividades da CEI: a editoração de um boletim, o "Meridiano" e uma participação continuada no campo dos estudos africanos, que passaram a contar com um apoio externo. Mário de Andrade, nessa altura já em Paris, ajudava-nos às vezes, a selecionar, e, o que era importante, a conseguir descontos – desconto de editor, pois Mário de Andrade à época trabalhava na redação da *Présence Africaine* –, o que permitiu que a Biblioteca da CEI de Coimbra passasse a contar com as obras publicadas pela *Présence Africaine* e pelas editoras francesas que editavam estudos referentes ao continente africano, e já de autores africanos, principalmente no campo da literatura. É nessa altura que descobrimos, entre os clássicos, Baumann e Westermann, Frobenius e tantos outros. As sucessivas viagens a Paris permitiram o enriquecimento dessa pequena Biblioteca que, face ao perigo de uma intervenção das autoridades da época, teve boa parte de seus títulos mais representativos transferida para a sede do Clube Atheneu de Coimbra, graças às amizades de Fernando da Costa Campos, nos permitiram por a salvo um bom número de obras literárias, políticas e no campo das ciências sociais. Agostinho Neto visitou várias vezes o Atheneu, onde passamos a realizar algumas das reuniões culturais e sociais face à instabilidade que a CEI passou a viver. Neto dividido entre suas tarefas políticas, quer num quadro português, quer num quadro angolano, não regateava tempo para voltar às discussões culturais que haviam animado o já desativado Centro de Estudos Africanos, de Lisboa. A importância da unidade do homem espiritual com o homem material era uma constante, não só nos textos literários e nos ensaios do então jovem autor, mas igualmente uma constante na sua prática de vida. Neto contribuiu através do seu didatismo, ajudando a levantar hipóteses em torno de problemas culturais que, principalmente nos primeiros anos, eram um desafio permanente ante a falta de uma formação metodológica mais precisa.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP*, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

Datam dessa época nossas discussões com Neto acerca de um problema central para entender Luanda do fim do século e da primeira metade do século XX: o papel das famílias tradicionais, tema que retomei em pesquisa posterior¹¹. A designação de família tradicional luandense recobria uma imensidade de situações sociais permitindo a falta de clarificação do fato social, especificamente do fato colonial¹². Para Neto a análise meramente sob o ponto de vista do prisma cultural era redutora. Realmente esse tipo de análise tão posto em evidência numa série repetitiva de textos que vêm até nossos dias, primava pela ambigüidade e não permitia detectar e analisar com segurança os principais eixos da sociedade de então. Num trabalho recente (vide nota 10), ficou-nos claro que se trata de uma postura abusiva o uso extensivo e abrangente dos termos: elite africana, elite luandense, família tradicional luandense, burguesia africana luandense, etc. A partir de uma pesquisa de campo em que os entrevistados se reportavam através da memória social e principalmente familiar, ao chamado "tempo dos seus pais", nas primeiras décadas do século XX, verificamos que cada segmento social tem efetivamente a sua história, e não podem ser entendidos como um todo homogêneo, como repetidas vezes vêm sendo apresentados. Dentro da categoria família tradicional, encontramos várias situações, que vão desde segmentos sociais e integrantes de classes opostas: proprietários, funcionários públicos, profissões liberais, militares (os antigos oficiais de segunda linha), membros do clero, políticos, comerciantes, operários, artesãos e mesmo indivíduos sem profissão definida, assim como, vários casos em que a mesma pessoa se situava em mais de uma posição. A pesquisa em causa mostrou-nos claramente que dentro do leque do que chamamos de família tradicional luandense, registravam-se situações díspares, como as de proprietários e de operário. O estudo detalhado destas categorias ou estratos mostrou como de fato, para além de um certo reconhecimento social ao nível do meio local, surgiam já disparidades e conflitos latentes que, na aparência se mostravam reduzidos face a um problema de natureza racial/social: a dicotomia entre colonizados e colonizadores. O tratamento da elite, como categoria, também apresenta ambigüidades. As articulações sociais variam segundo o eixo de referência e é fundamental o conhecimento exato do tecido social.

Nas nossas discussões com Neto ficou-nos claro que, se por um lado na sua poesia registrava com pólos opostos, a situação de empregado/patrão, o que vale dizer, 'negro'/'branco', para além de uma perspectiva ideal, Agostinho

(11) MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *Continuidades e descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*. São Paulo, FFLCH/USP, 1988, 4 vol. (tese).

(12) Segundo o sentido dado por Georges Balandier.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP*, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

Neto levava em conta, até porque conhecia profundamente o processo social angolano, as diferenciações sociais e das suas aproximações e distanciamentos consoante o tempo histórico, ou do tempo social, em que emergiam. A evolução que ocorreu nos musseques também escapou à maioria dos autores, que acabam por confundir, ou melhor, deixam de salientar as diferenças ao fazerem uma leitura ideal do musseque, válida quando apenas se pretende pôr em evidência o africano, aliás o que deu lugar, em épocas mais tardias, à distinção entre dois espaços da cidade de Luanda: a chamada 'cidade do asfalto' e o 'musseque'. O musseque, – que no passado correspondeu aos velhos e antigos bairros africanos, designados em kimbundo, topônimos mais próximos a uma raiz cultural africana e que perdem as designações de origem, são constantemente empurrados para fora do centro urbano, – foi-se proletarizando, face a um surto de industrialização da cidade, que caracterizou a última fase do período colonial. Essa característica pré-proletária e mais tarde proletária em sentido estrito, foi amplamente detectada por Agostinho Neto que, embora trabalhando com categorias amplas e universais, teve o mérito de, no plano social, pôr em evidência as fissuras de cada segmento social dentro de um quadro referencial mais amplo, determinado pelo fato colonial. Uma análise de Luanda no tempo permite-nos configurar vários momentos, quer se parta de um estudo demográfico, tal como o que realizamos, quer da evolução da construção, quer em função dos proprietários das casas, quer mesmo no campo semântico. Várias épocas de ruptura podem ser indicadas, conforme a leitura se faça do ponto de vista europeu ou africano. As alterações demográficas e no plano da construção que se seguiram ao período após a proibição do tráfico da escravatura, uma época em que Luanda passou efetivamente a se caracterizar por concentrar a maioria de uma população mestiça, que até então se encontrava dispersa, cunham uma imagem da cidade que, com o tempo e o incremento do processo colonial, quer demográfico, quer económico, se foi perdendo no tempo, com consequências sociais e raciais. Entre os inúmeros depoimentos que colhemos, a par do uso da documentação, permitimo-nos citar o depoimento do velho professor Leopoldo Mangueira, em que fica igualmente claro que a decadência das antigas famílias tradicionais africanas deveu-se, entre outros fatores, ao fato de que a progressão social para os africanos, em sua época, já era extremamente difícil, em decorrência de vários fatores, quer técnicos: restrições técnicas à construção, o alto custo dos materiais permitidos foi afastando os africanos das áreas principais da cidade, quer político-administrativa: o sistema do registro de terras foi-se complicando, a par dos já tradicionais esbulhamentos da propriedade e das crescentes dificuldades apostas aos africanos no campo do ensino, como Agostinho Neto põe em evidência nos seus escritos de 1945 e 1946. Neto conjugou as variáveis raça e classe no tempo e no espaço a partir de um conhecimento profundo do seu meio, o que lhe permitiu o saber utilizar vários

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP*, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

segmentos sociais como instrumento de luta política, além de ter entendido o colonialismo como uma chaga que apodrecia colonizados e colonizadores. Antes da sua vivência em Luanda, Agostinho Neto vivera com os pais numa região em que historicamente já se tinham registrado sucessivos choques entre colonizados e colonizadores. O depoimento de Antônio Assis Júnior, a propósito dos acontecimentos de Dala Tando e Lucala, em 1917, um conflito social e racial resultante de um processo de apropriação das propriedades agrícolas da região por parte dos colonos 'brancos', mostra claramente alguns aspectos da violência¹³, que, nas áreas rurais chegou a ser mais dura: Neto, que viveu nessas regiões, até certamente por informações paternas, desde muito jovem, se apercebeu dos mecanismos do processo colonial. Várias vezes fez referência à atuação desses mecanismos, no espaço e no tempo, no espaço urbano e no espaço rural, ficando-me claro que para Neto, o processo colonial apresentava variações significativas no espaço e no tempo, uma leitura que só surge a um leitor atento.

Agostinho Neto, que desde cedo falava numa Angola composta pelas "várias nações angolanas", apercebeu-se igualmente da importância que representava o espaço urbano de Luanda, um espaço essencialmente político, fruto de vários processos, entre os quais destaco o processo transcultural e o processo transétnico¹⁴.

De um musseque tradicionalmente africano, onde já conviviam integrantes de famílias tradicionais em consequência de processos sociais ou da expulsão da população dos bairros tradicionais, ao musseque posterior, onde a par de um proletariado nascente, surge um autêntico lumpesinato, temos uma

(13) ASSIS JÚNIOR, Antônio de. *Relato dos acontecimentos de Dala Tando e Lucala*. Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1980, 2ª ed. É curioso ressaltar que o texto completo do relato de Antônio de Assis Júnior nunca chegou a ser publicado na íntegra. A versão dada a público corresponde a um texto que o autor achava que poderia ser publicado sem provocar represálias mais graves. O texto original completo, que teve ocasião de compulsar, apresenta detalhes da maior importância.

(14) "A apropriação de certas sínteses no plano transcultural, como qualificadoras de um processo colonial específico, induz a um viés quando realizada através de uma leitura ideologicamente linear, que não leva em atenção os vários tempos do processo social. Do ponto de vista da literatura europeia, quando se trata das especificidades do processo colonial, ocorrem certas transposições que não são aceitáveis. Decorre daí que, mais recentemente, verificamos certos erros de interpretação quanto ao papel dos musseques; estes erros estão cristalizados numa imagem resultante de um processo específico, ao longo do tempo, em virtude de não levarem em conta a emergência do novo musseque, que reflete formas de organização resultantes da industrialização de Luanda e da inserção de Angola como um todo num processo econômico maior", IN: MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *Continuidades e discontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*. São Paulo, FFLCH/USP, 1988, vol. I, pp. 22-23. (tese)

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP*, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

nítida diferença. O primeiro tipo de musseque deu imagens literárias, quer na poesia, quer na prosa. No plano da crítica literária a imagem do primeiro tipo de musseque ainda persiste e as mudanças profundas que ocorreram e fazem já parte dos escritos de alguns autores, como Mendes de Carvalho, são sistematicamente confundidas com situações anteriores por parte dos analistas que, na verdade, ainda não conseguiram se aperceber da emergência de um quadro social diferente, mesmo quando esse quadro já aparece claramente no texto dos contos ou das novelas.

O processo transétnico patente na cidade de Luanda ocorreu, embora de modo e densidade desiguais, ao longo dos vários tempos históricos e sociais, com reflexos diferenciais segundo os espaços do todo urbano e mesmo ao nível de certos micro-espacos, quer em função de migrações naturais, quer de 'migrações' forçadas, como as dos trabalhadores do Sul que foram utilizados várias vezes como mão de obra na construção e em obras públicas, quer em função de outros fatores, como o comércio, por exemplo.

Paralelamente, com intensidade variável, segundo o tempo e em função dos espaços abrangentes de toda a malha urbana, o fenómeno transcultural¹⁵ fez-se igualmente sentir, variando a sua leitura, segundo o tempo histórico, o tempo social, o período literário. Assim, por exemplo, quer o uso da norma culta portuguesa, quer o uso do kimbundo, como formas de resistência em momentos sucessivos, aproximam-se em nossa leitura, embora os sinais diferentes que emergem no plano transcultural reflitam formas de organização social com densidades desiguais¹⁶. As variações relativas ao aumento do percentual de população 'branca', por exemplo, normalmente relacionadas com fatores históricos e mudanças de rumo do chamado processo colonial, criaram situações de densidade desigual, ao longo de um processo¹⁷.

(15) Usamos aqui a expressão transcultural no sentido do relacionamento de culturas africanas com a cultura europeia.

(16) No início do século XX, a publicação do livro *Vozes de Angola Clamando no Deserto*, escrito na melhor norma culta da língua imperial, mas já politicamente apropriada por um grupo de nacionais, é sem dúvida uma forma de resistência, por parte de um segmento social que dominava a norma culta com maestria face a uma boa parte dos colonos. Na medida em que essa elite local foi perdendo a sua importância e o sistema de ensino tornou-se progressivamente mais fechado face aos naturais, a situação mudou. O manuseio da norma culta, um elemento diferenciador, mudara de sinal.

(17) "... la cause externe n'agit jamais qu'a condition de passer par le milieu interne et le milieu interne, ici, c'est le moment présent", IN: BASTIDE, Roger. "La causalité externe et la causalité interne dans l'explication sociologique", *CAHIERS INTERNATIONAUX DE SOCIOLOGIE*, Paris, PUF, 21 (13): 77-79, juillet-décembre, 1956.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

Luanda, embora surja como um espaço cultural relativamente autônomo – em que pese a transferência de grandes contingentes populacionais, tal como ocorreu quando da independência do Brasil, com o início de uma política de assentamento de colonos, nos finais do século XIX, e, já na fase final do processo colonial, com a transferência em massa de europeus, – uma sociedade plural constitui-se numa das sínteses do que se passou a chamar de angolanidade, fruto não só de um processo de sínteses transétnicas e transculturais, mas igualmente decorrente do papel dos espaços urbanos que sofrem várias intervenções ao longo do processo colonial. Por outro lado, o espaço urbano, que reflete, por vezes de forma desigual, as variáveis intervenientes no processo, constitui-se num elemento privilegiado da modernização.

Agostinho Neto apercebeu-se desde cedo do fenómeno da angolanidade, uma síntese para ele, e do papel do urbano – Luanda – além da propagação dessa síntese, embora de forma desigual, no plano de vários espaços, incluindo o espaço nacional. Em algumas trocas de idéias com Neto, a propósito deste tema, recordamo-nos que a sua noção de angolanidade emergia de uma síntese que ele, já como político, soube explorar. Creio que, anos mais tarde, ficou claro para o MPLA, na sua estratégia para assumir o poder, da importância do urbano, no sentido de um espaço síntese, na sua dupla feição de urbano propriamente dito e na perspectiva das interações e correlações de outros espaços.

Embora as sínteses sejam ambíguas, ambigüidade que aumenta conforme a leitura que dela se faz, o contexto angolano é efetivamente predominante, a densidade é que varia, no suceder dos fatos materiais e culturais e na confrontação entre o meio externo e o meio interno, este é o momento presente (Roger Bastide), a que a vontade política reforça. As aparências e conforme a densidade resultante das correlações de cada momento podem efetivamente serem utilizadas, como de fato o foram no decorrer do processo colonial, no sentido em que a modernidade urbana – em alguns de seus componentes externos, se torne um elemento de domínio, fato que, anos mais tarde, em decorrência da crescente importância do elemento externo, reforçado como projeto, Agostinho Neto chama a atenção ao registrar o gigantismo de Luanda e o seu "efeito mágico sobre a maior parte do país"¹⁸, neste caso, em uma perspectiva negativa. Para Agostinho Neto, que fugia aos esquemas mecanicistas da explicação do fato social, o aprofundamento das questões materiais e das

(18) NETO, Agostinho. ... *Ainda o meu sonho* (Discursos sobre a cultura nacional). Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1980, p. 45.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

questões culturais era efetivamente fundamental, quer no plano das questões "que derivam das várias nações angolanas"¹⁹, quer na perspectiva de que "nós somos uma encruzilhada de civilizações, ambientes culturais e não podemos fugir a isso de maneira nenhuma, mas da mesma maneira que nós pretendemos manter a nossa personalidade política, também é preciso que nós mantenhamos a nossa personalidade cultural"²⁰. Para Neto "a cultura angolana é africana, sobretudo angolana (...)"²¹. Ao conjugar a produção material com a produção espiritual, Agostinho Neto assume uma posição universalista, posição que o caracterizava desde os tempos de juventude.

Neto dividiu-se entre a política e a poesia, ou melhor, completou-se, quer como político, que como poeta. Se na fase inicial da sua vida de estudante em Portugal ainda aparece ligado a movimentos culturais, como o Centro de Estudos Africanos, uma vez avançada a discussão da problemática relacionada com o tema central da identidade, passa a dedicar sua vida à política, quer num contexto dos movimentos de juventude portugueses, quer já na formulação e organização política do povo angolano. Contudo, nunca descartou a possibilidade de dedicar tempo e atenção, não só participando de reflexões sobre aspectos das culturas africanas, como da animação cultural. Sua breve passagem pelo Atheneu de Coimbra, é um exemplo desta última atividade. Nos encontros com Neto, quer em casa de Humberto Machado, quer por intermédio de Arménio Ferreira, quer em algumas reuniões do Clube Marítimo, entidade de cuja fundação participou com o objetivo não só de organizar os angolanos que trabalhavam na qualidade de marítimos, possibilitando uma certa aproximação com o meio estudantil angolano e como um elo de ligação com Angola, surgia sempre um tempo disponível para uma reflexão sobre aspectos culturais. É de ressaltar o fato de que Agostinho Neto, numa fase em que já se encontrava inteiramente dedicado à ação política, estava sempre disposto a dedicar uma parte de seu tempo social²² aos temas culturais. Mais velho do que nós e tendo já passado pela fase de reinventar a roda, discutia com firmeza seus pontos de vista que apresentava e desenvolvia segundo um padrão didático, característica que sempre o acompanhou, mas o que ficou profundamente gravado em minha memória foi o fato de que respeitava os

(19) Idem, p. 47.

(20) Idem ib., p. 61.

(21) Idem ib., p. 46.

(22) Registramos um tempo social por oposição a um tempo intimista, o que dedicou à poesia que, aliás, não era intimista.

MOURÃO, Fernando Augusto A. O contexto histórico-cultural de criação literária em Agostinho Neto: memória dos anos cinquenta. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP*, S. Paulo, 14-15 (1): 55-68, 1991/1992.

mais novos e nunca interferiu nas atividades culturais que, na altura, desenvolvíamos na Casa dos Estudantes do Império, em Coimbra e mais tarde em Lisboa, quando demos prosseguimento à experiência de Coimbra com a criação de uma Secção de Estudos Ultramarinos da CEI em Lisboa e, note-se, mesmo em situações das quais discordava. Este aspecto, de certo modo surpreendente entre as várias facetas de sua vida, merecia ser realmente aprofundado. Quem sabe Carlos Ervedosa, Costa Andrade, Alfredo Margarido, que cuidavam preferencialmente do setor editorial, ou Tomás Medeiros, entre os responsáveis pela publicação do boletim "Mensagem", possam dizer alguma coisa, ou então Fernando da Costa Campos, Arménio Ferreira, Lúcio Lara e outros mais afetos à organização política.

Agostinho Neto, o intelectual, com incursões no campo do ensaísmo e do conto²³, foi fundamentalmente um poeta e um político, facetas do humanista que foi. Esta característica, a do humanista, é que talvez explique sua postura ao não interferir, ao aceitar a conviver com colegas mais jovens que participavam da reinvenção da roda.

ABSTRACT: This work deals with the first years spent by Agostinho Neto in Portugal as a student, firstly in Coimbra and then in Lisbon. It points out Agostinho Neto's cultural activities and, in a certain way, his political activities, emphasizing his mental universe, that includes various origins.

(23) MOURÃO, Fernando. *Contistas angolanos*. Lisboa, CEI, 1960. Prefácio - Náusea - conto publicado em "Mensagem", 1952.